

NOVOS MATERIAIS DE PALMELA

Maria Amélia Horta Pereira

Thomas Bubner

1. História do achado

O arquivo documental do Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia de Lisboa foi recentemente arrumado e organizado pela Conservadora Maria Luísa Veiga Silva Pereira, a qual encontrou entre os papéis do Prof. Dr. Manuel Heleno um embrulho cujo conteúdo deu a conhecer aos signatários do presente trabalho.

Tratava-se de uma colecção composta por: A — Placas de xisto; B — Lâminas de sílex; C — Cerâmica: a) sem decoração, b) decorada não campaniforme, c) campaniforme.

Quanto a proveniência, apenas se sabe que os objectos são de Palmela, indicação escrita no papel que envolvia as peças e confirmada por fazerem parte da colecção dois fragmentos campaniformes mais, pertencentes a dois vasos fracturados distintos, já publicados por V. Leisner¹, pelo que se pode concluir que todo o conjunto foi retirado das sepulturas da Quinta do Anjo, Palmela².

Desconhece-se quer a data, quer o responsável pela escavação de que resultou tal espólio, assim como se ignora o local exacto da jazida ou se todo o achado provém da mesma sepultura.

Nestas circunstâncias são limitadas as nossas possibilidades de chegar a conclusões, mas mesmo assim apresentamos seguidamente as ideias que a referida colecção nos sugeriu.

As lâminas de sílex e cerâmica sem decoração podem considerar-se provisoriamente pouco significativas, embora os sílices, no conjunto, constituam uma boa amostragem das diferentes técnicas de talhe da pedra que se cruzavam então: as lâminas 5, 8 e 9 evocam uma tecnologia arcaica local, com reminiscências mustienses no facetado da primeira e bolbo rebaixado das últimas, enquanto as lâminas 6 e 7, tanto pela forma, como pelo bolbo intacto são mais afins das que se encontram nas jazidas do Sul e Sudeste ibéricos.

Importante por reflectir aquela tradição arcaizante do trabalho do sílex é a ponta n.º 4, a qual, além disso, oferece o interesse de conservar vestígios de cobre junto do talão, quebrado e desaparecido, podendo conjecturar-se que se trata de uma navalha que possuía encabamento metálico.

Como se sabe, o cobre era raro no Eneolítico e tinha, por isso, um valor elevado, explicando-se que, em casos como este, o utilizassem com intenção decorativa sem tirar partido das suas vantagens sobre a pedra, como cortar melhor, poder ser afiado e ser susceptível de alterar facilmente a forma.

¹ V. Leisner — *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen* — Berlim, 1965, Est. 112 62 e 115, 3.

² Idem, *ibidem*, págs. 119 e ss.

Muito se sente a falta de trabalhos de síntese sobre os sílices do Neolítico e Eneolítico de Portugal; e tão-pouco se sabe muito sobre a cerâmica sem decoração dos mesmos períodos. Por isso nos abstermos de mais comentários.

Em contrapartida, as placas de xisto e a cerâmica campaniforme já foram objecto de vários trabalhos, embora também nestes casos se sinta a falta de obras de conjunto³. Estando em vias de publicação o campaniforme de Portugal não queremos adiantar-nos à sua publicação desenvolvendo em excesso o tema aqui, e assim abor-daremos de preferência as placas de xisto⁴.

Ignoram-se ainda o sentido e a transcendência, o princípio e o fim do surto das placas decoradas, como se ignora onde surgiram pela primeira vez e quando devem ser consideradas elemento original de uma cultura ou um aditivo.

A área de difusão das placas de xisto abrange todo o Centro e Sul de Portugal e o Sudoeste de Espanha, em especial as províncias de Badajoz e Huelva. A avaliar pela quantidade de achados de placas, o foco difusor estaria situado no Alentejo Médio, pois é muito menor a percentagem de placas encontradas nas regiões adjacentes⁵.

Pelo contrário, é restrita a área de difusão do Campaniforme: limita-se ao Tejo inferior e à Estremadura de Portugal. É raro encontrar cerâmica campaniforme no interior do País.

Assim, eis-nos perante duas distintas áreas de difusão.

A vasta área pela qual se distribuem as placas de xisto compreende regiões tão diferentes entre si como as Beiras e o Algarve, a Estremadura e o Alentejo, a província de Badajoz e a província de Huelva: a diferenciação dos respectivos factores climáticos, geográficos e económicos, tal como se ofereciam à maneira de viver das populações neolíticas e eneolíticas, tornam improvável que as placas de xisto sejam a constante típica de uma só cultura — exprimem, muito provavelmente, uma ideia religiosa, não devendo estranhar-se que acompanhem os mortos como oferenda, tal como se vê claramente nos dólmenes, e, mais claramente ainda, nos resultados da escavação da Lapa do Bugio⁶.

Se, verdadeiramente, as placas de xisto exprimem uma ideia religiosa, a carta de distribuição de tais placas demonstra somente a que área geográfica se alargou essa ideia.

Torna-se portanto evidente que as placas de xisto são culturalmente neutrais, isto é, que surgem em culturas diferentes, pelo que deveria abolir-se definitivamente a expressão «cultura das placas de xisto».

As placas de xisto não servem, portanto, como *leitfund* de uma cultura, mas sim como indicador de uma época.

Em relação com a Cultura Campaniforme a cronologia relativa das placas de xisto fundamenta-se nas observações seguintes:

1. *Tholos da Praia das Maças*⁷ — as placas de xisto são datadas como anteriores ao Campaniforme;

³ Acerca das placas de xisto e sua distribuição veja-se o mapa em M. A. Horta Pereira, *Monumentos Históricos do Concelho de Mação*. Coimbra, 1970, pág. 163.

⁴ Acerca da Cultura Campaniforme em Portugal: O. da Veiga Ferreira, *La Culture du Vase Campaniforme au Portugal*, Lisboa, 1966; ou: R. J. Harrison, *The Bell Beaker Cultures of Spain and Portugal*, Cambridge (U.S.A.), 1976; ou: T. Bubner, *Das Glockenbechervolk auf der Iberischen Halbinsel*. Tese de doutoramento, Freiburg, 1977.

⁵ Vid. nota 3.

⁶ Vid. nota 9.

⁷ Vid. nota 1, *in locu*.

2. *Dólmen de Montum*⁸ — a estratigrafia mostrou que as placas de xisto tinham posição anterior ao Campaniforme;
3. *Lapa do Bugio*⁹ — datação pelo C¹⁴ em 2800 a.C., isto é, as placas são muito mais antigas que os campaniformes.

Podemos portanto assegurar que a grande maioria das placas de xisto é mais antiga que a Cultura Campaniforme, o que deveria ser aceite como certeza ao menos para a região onde se encontram as jazidas atrás referidas, isto é, o litoral de Portugal Central¹⁰.

Sabendo-se no entanto pouco sobre a evolução cultural do Alentejo no decurso do Eneolítico, deve ser encarado como possível um prolongamento do uso das placas nessa região.

Consultando as obras de Georg e Vera Leisner, e baseados na nossa própria experiência, vemos que placas de xisto e campaniformes ocorrem raramente na mesma sepultura — de facto, uma tal combinação só acontece no concelho de Torres Vedras, hipogeus da Quinta das Lapas¹¹, no concelho de Sintra, dólmen de Casaínhos, dólmen das Conchadas, tholos da Praia das Maçãs, dólmen do Monte Abraão, no concelho de Palmela, hipogeus da Quinta do Anjo.

São muitas as grutas naturais utilizadas durante o Neolítico e o Eneolítico como lugares de enterramento, e nas quais coincidem campaniformes e placas de xisto. Mas por não terem sido rigorosamente escavadas torna-se agora impossível tirar conclusões sobre a respectiva cronologia e evolução cultural.

Existem igualmente alguns castelos tipo Vila Nova de São Pedro, nos quais foram encontradas placas de xisto e cerâmica campaniforme, o que data a fundação dos castelos da época em que se utilizavam as placas de xisto, e não as placas de xisto da época da cerâmica campaniforme.

Tudo o que ficou dito prova que as placas de xisto já não eram utilizadas no litoral português quando o povo campaniforme aqui chegou.

Entre as centenas de dólmenes e hipogeus já escavados, muito poucos forneceram placas de xisto e ainda menos foram os que deram placas de xisto associadas a campaniformes.

Tal circunstância pode ser interpretada assim:

- A — Os túmulos foram utilizados durante um *largo* espaço de tempo — as placas de xisto e a cerâmica campaniforme estariam portanto separadas por um *largo* espaço de tempo;
- B — Os túmulos foram utilizados por um *curto* espaço de tempo; placas de xisto e campaniformes estariam então apenas separadas por um *curto* espaço de tempo.

De onde resultam duas possibilidades:

- B1 — Esses túmulos foram construídos ainda na época da moda das placas de xisto, sendo utilizados até à época da Cultura Campaniforme;

⁸ O. da Veiga Ferreira & G. Zbyszewski & M. Leitão & C. T. North & Reynolds de Sousa, «The megalithic tomb of Pedra Branca, Portugal. Preliminary report.», em: *Proc. of the Preh. Soc.* 41, 1975, pp. 167-178. — Idem: «Le monument mégalithique de Pedra Branca auprès de Monturr (Melides)», em: *Serviços Geol. de Port.*, 59, 1975, pp. 108-192.

⁹ R. Monteiro & G. Zbyszewski & O. da Veiga Ferreira, «Nota preliminar sobre a Lapa Pré-Histórica do Bugio (Azóia, Sesimbra)», em: *Actas do II Congr. Nac. de Arq.*, Coimbra, 1971, pp. 107-120.

¹⁰ Fora da área de distribuição das placas de xisto encontram-se os melhores paralelos para estas nas estelas decoradas do Sul e Sudoeste de França, Norte de Itália e Suíça. Na necrópole de cistas de Yverdon/Suíça observam-se excelentes paradigmas, os quais podem ser datados num horizonte pré-campaniforme. Veja-se R. Wyss, «Die Gräber und weitere Belege zur geistigen Kultur», em: *Archäologie der Schweiz*, Vol. II, *Die jüngere Steinzeit*, pp. 139 e ss.

¹¹ Entenda-se por hipogeu toda a sepultura construída em subterrâneo ou escavada na rocha.

B2 — A Cultura Campaniforme chegou ali mais cedo do que a outras regiões e assim pôde ainda contactar com túmulos construídos pelos povos utilizadores das placas de xisto.

Infelizmente por falta de factos claros não podemos decidir-nos por nenhuma das duas hipóteses, mas temos que estar atentos a ambas quando tentamos esclarecer problemas acerca das placas de xisto.

Todos os campaniformes publicados neste trabalho são decorados com o estilo Chibanes¹². Escreveu-se muita vez que os campaniformes de estilo marítimo são os mais antigos de toda a Cultura Campaniforme, devendo portanto datar-se o grupo campaniforme de Chibanes como mais recente que os campaniformes marítimos. Sendo assim, haveria que optar ou por A ou por B2¹³.

A cerâmica campaniforme é mais correctamente datada através das técnicas empregadas na sua decoração. A maioria dos campaniformes decorados com o auxílio do pente deveria ser mais antiga que os campaniformes decorados com incisões; além disso, campaniformes incisos datam-se de períodos mais recentes que campaniformes penteados — esta foi uma das conclusões do estudo da estratigrafia de Orce/Granada, onde muitos campaniformes foram encontrados em estratos bem definidos (obra no prelo).

Os campaniformes aqui apresentados mostram as duas técnicas decorativas e, assim, constituem uma prova mais de que as sepulturas da Quinta do Anjo foram utilizadas em épocas nas quais corriam modas decorativas diferentes para a cerâmica campaniforme, o que não é difícil de aceitar se se considerar como altamente improvável que os quatro túmulos da Quinta do Anjo tenham sido construídos simultaneamente.

Embora fossem encontrados campaniformes em todas as sepulturas, cada uma delas apresenta materiais distintos — como se vê na quantidade dos machados, nos tipos de pontas de seta, nos botões com perfuração em V, etc. Tal divergência entre as sepulturas entende-se mais facilmente considerando que houve divergências na época das respectivas construções.

Uma das taças de Palmela apresenta um motivo decorativo especial: veados. Mais uma vez se faz sentir a força simbólica que a gente do Eneolítico atribuía a esse animal¹⁴.

Conhecem-se outras taças com o mesmo motivo decorativo na Península Ibérica, uma das quais editada recentemente, na Colecção Bonsor, Mairena del Alcor, Sevilha¹⁵. Algumas são ornamentadas no interior. Relacionam-se sempre estas taças com as migrações da gente portadora da Cultura Campaniforme¹⁶.

Concluímos assim as considerações que nos suscitaram as placas de xisto, os sílices e a cerâmica campaniforme inéditos da Colecção Manuel Heleno, apontando para a urgência de um estudo cuidadoso da estratigrafia da região, única possibilidade de resolver os problemas ora enunciados.

¹² O povoado aberto de Chibanes (Palmela), é o sitio em que se encontraram campaniformes deste tipo em maior número.

¹³ Ultimamente R. J. Harrison, «Origins of the Bell-beaker Cultures», *Antiquity*, 48, 1974, pp. 99-109.

¹⁴ Conhecemos múltiplos exemplos de representações de cervídeos em toda a Europa Ocidental, datadas a partir do Paleolítico Superior até à Idade do Ferro. Vejam-se em especial H. Obermaier, *El Hombre Fósil*, Madrid, 1916, pp. 213 ss. e E. Anati, «Methods of recording and analysing rock engravings», em *Studi Camuni*, 7, 1977.

¹⁵ R. J. Harrison & T. Bubner & V. A. Hibbs, «The beaker pottery from El Acebuchal, Carmona (Prov. Sevilla)», em: *Madr. Mitt.*, 17, 1976, pp. 79-141.

¹⁶ V. Leisner, «Innenverzierte Schalen der Kupferzeit auf der Iberischen Halbinsel», em: *Madr. Mitt.*, 2, 1961, pp. 11-13.

CATÁLOGO

ABREVIATURAS UTILIZADAS

Ø = Diâmetro; E-b = Espessura do bordo; ext. = exterior; int. = interior; coz. = cozadura. Foram considerados quatro graus: macio, duro, muito duro, pedra; agl. = aglutinantes.

A - PLACAS DE XISTO

Est. I - fig. 1 - 16,3×8,9×1,1-0,7 cm. Xisto anfibólico cinzento esverdeado. Reverso sem decoração. Conservação: dois negativos acidentais na base, vestígios de uso no topo, fissura resultante da perfuração dos orifícios no reverso.

fig. 2 - 17,4×10,4-1,1 cm. Xisto (ardósia) cinzento antracite. Reverso sem decoração. Conservação: danificada no canto superior esquerdo.

fig. 3 - 13,4×8,55×0,7 cm. Xisto (ardósia) cinzento. Reverso sem decoração. Conservação: fracturada em três.

B - LAMINAS DE SILEX

Est. II - fig. 4 - 6,55×2,3×0,45 cm. Sílex cinzento. Sem retoques. Vestígios de utilização nos bordos. Córtex no topo do bordo esquerdo. Conservação: talão fracturado e desaparecido. Serrilha de utilização nos dois bordos. Vestígios de cobre na raiz do talão.

fig. 5 - 6,3×1,4×0,4 cm. Sílex creme. Retoques na ponta e talão. Conservação: peça intacta.

fig. 6 - 5,65×1,2×0,3 cm. Sílex creme. Ponta e talão retocados. Conservação: peça intacta, com serrilha de utilização nos dois bordos.

fig. 7 - 6,3×0,9×0,2 cm. Sílex creme. Ponta retocada. Conservação: peça intacta, serrilhada por utilização nos dois bordos.

fig. 8 - 6,5×1,6×4 cm. Sílex castanho. No bordo esquerdo plano de preparação de uma fencochel. Talão retocado. Bolbo rebaixado. Conservação: metade inferior da lâmina primitiva.

fig. 9 - 6,8×1,2×0,35 cm. Sílex cinzento. Talão retocado. Bolbo rebaixado. Conservação: peça fracturada no topo. Serrilha de utilização nos dois bordos.

C - CERAMICA

a) *Sem decoração*

Est. IV - fig. 10 - Vaso hemisférico. Ø - bordo = 10 cm; E-b = 0,4 cm; E-p = 0,45 cm; A = 6,8 cm. Cor ¹⁷: ext. = beije acinzentado; int. = cinzento claro; secção = cinzento claro; agl. = areia; coz = pasta dura. Conservação: vaso quase intacto.

¹⁷ Descrevem-se a cor ou cores do exterior para o interior. Ex.: vermelho/negro/cinzento: cor da superfície exterior: vermelho; cor do núcleo: negro; cor da superfície interior: cinzento.

b) *Decorada não campaniforme*

Est. IV - fig. 11 - Fragmento de vaso. Ø em A = 13 cm; E-p = 0,55-0,7 cm. Cor: ext. = cinzento escuro polido; int. = cinzento escuro polido; secção: cinzento muito escuro; agl. = areia fina; coz. = pasta muito dura; decoração: incisa.

c) *Campaniforme*

Est. IV - fig. 12 - Vaso de carena baixa. Ø - bordo = 11,6 cm; E-b = 0,5 cm; E-p = 0,3-0,5 cm. Cor: ext. = cinzento escuro polido; secção: negro; agl. = areia; coz. = pedra; decoração = incisões. N.º inv.: 12.394+12.407. - Parte deste vaso foi publicada por V. Leisner, 1965, Est. 115.3.

Est. III - fig. 13 - Taça. Ø-bordo = 32 cm; E-b = 1,5 cm; E-p = 0,8 cm. Cor: ext. = cinzento escuro, polido; int. = negro, polido; secção = cinzenta claro; agl. = areia; coz. = pedra; decoração = pente.

fig. 14 - Taça. Ø-bordo = 25-26 cm; E-b = 0,8 cm; E-p = 0,7-0,8 cm. Cor: ext. = castanho acinzentado claro, polido; secção = castanho avermelhado / cinzento / castanho avermelhado; agl. = areia com grãos de quartzo; coz. = pedra. Conservação = peça fracturada mas quase completa. Decoração: pente. Motivo decorativo zoomórfico: cinco cervídeos, dos quais 2 veados, 2 corças e 1 indeterminável.

fig. 15 - Taça. Ø-bordo = 17 cm; E-b = 0,85 cm; E-p = 0,8 cm. Cor: est. = cinzento muito escuro; int. = cinzento claro; secção: cinzento claro; agl. = areia com grãos de quartzo; coz. = pasta dura. Decoração = pente.

fig. 16 - Taça. Ø-bordo = 17 cm; E-b = 1,15 cm; E-p = 0,7 cm. Cor: ext. = castanho escuro, polido; int. = castanho acinzentado escuro, polido; secção = cinzento muito escuro; agl. = areia fina; coz. = pedra; decoração = incisa. Vaso parcialmente publicado por V. Leisner, 1965, Est. 112, 62.

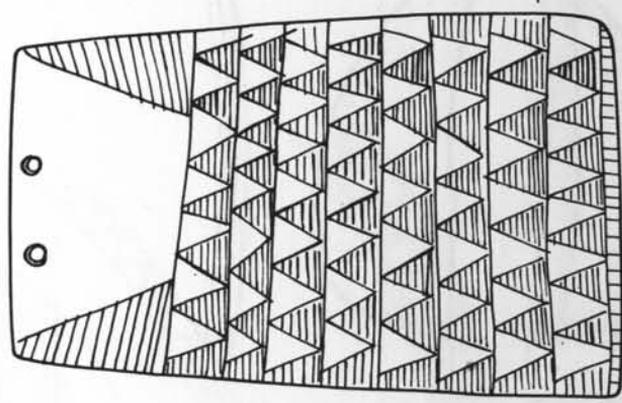
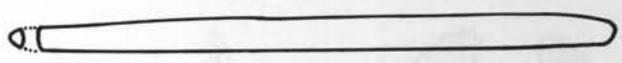
fig. 17 - Dois fragmentos do bordo de uma taça. Ø-bordo = 14 cm; E-b = 2,65 cm; E-p = ? Cor: ext. = castanho avermelhado; int. = ?; secção = cinzento avermelhado; coz. = pasta muito dura; agl. = areia fina; decoração = incisa.

ZUSAMMENFASSUNG

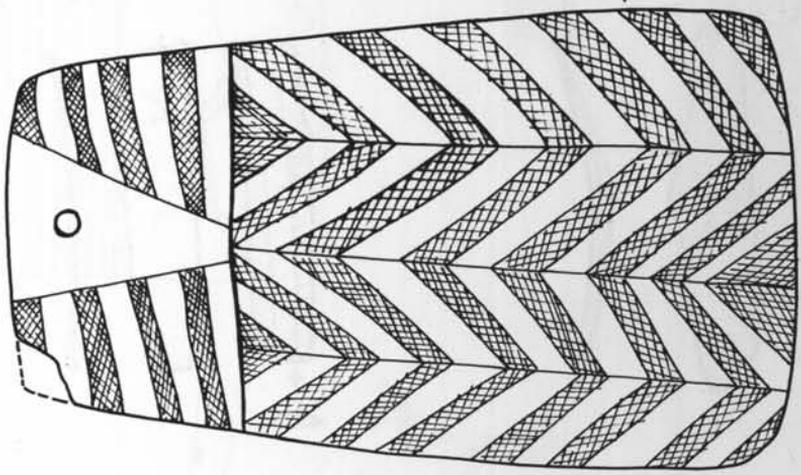
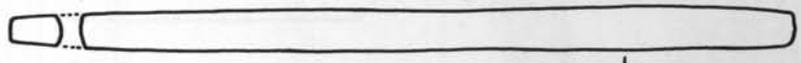
Die Autoren beschreiben einige bisher unveröffentlichte Funde aus den Hypogäen von Quinta do Anjo/Palmela. Es wurden Überlegungen bezüglich der Verbreitung und der Datierung der gravierten Schieferplatten und der Glockenbecherkeramik angestellt. Die gravierten Schieferplatten sind vorglockenbecherzeitlich und unterscheiden sich in ihrem Verbreitungsgebiet völlig von dem der Glockenbecherkultur. Die Schieferplatten werden nicht als kulturspezifisch erachtet.



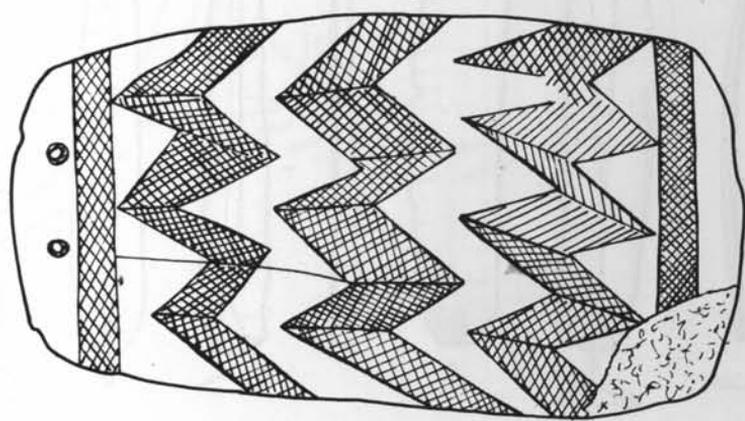
*Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia — Lisboa:
Taça campaniforme com cervídeos. Estilo de Chibanes.*



3



2



1

